

Kurt Schwitters

Duke Size, 1946

Recortes de papel e papelão s/ papel

19 x 15.8

Schwitters estudou nas academias de Dresden e Berlim, e a partir de 1918, liga-se aos dadaístas, dando início ao uso da colagem na realização de suas obras. Em 1919, faz sua primeira pintura *Merz*: o título da obra vem do fato dela trazer um pedaço de papel do *Kommerz-und-Privatsbank*, que depois o artista passaria a usar para desenvolver um conceito de obra de arte total, por assim dizer. Em 1923, Schwitters construiu espaços em sua própria casa, em Hanover, que ele chamou de *Merzbau*. Porque o procedimento da colagem seria a base de suas obras, Schwitters as categorizava usando o termo *Merz*: assim ele concebeu *Merzbildern*, *Merzzeichnungen*, e sua *Merzbau* – literalmente, “quadros Merz”, “desenhos Merz” e “construção Merz”.

Seu vinculação às práticas vanguardistas do início do século XX, tornou o artista rapidamente um inimigo do estado nazista alemão, obrigando-o a fugir para a Noruega em 1937. Com a invasão do país pelas tropas nazistas em 1940, o artista acabou encontrando refúgio na Inglaterra. Costumava-se falar desse como um período de ostracismo para o artista, do qual ele só teria sido redimido a partir de 1956, quando seu filho, Ernst Schwitters, reuniu o que restava de sua produção na Inglaterra e seus arquivos pessoais para doá-los ao Sprengel Museum de Hanover. Sua sala na 6ª Bienal de São Paulo, em 1961, como artista da representação nacional de sua Alemanha natal, realizava-se no auge da retomada do interesse por sua obra e no momento em que os trabalhos de catalogação sistemática de sua produção foram feitos. O *Merzzeichnung Duke Size*¹ foi incorporado ao acervo do antigo Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM/SP como prêmio-aquisição da Bienal daquele ano. Schwitters aparecia ali como um legítimo vanguardista, vinculado às vertentes do Dadá.

Embora recentemente tenha-se revisto o que foi o período inglês de Schwitters², nosso *Duke Size* – produzido nesses anos – foi tratado como uma obra plenamente vanguardista no contexto da Bienal, sendo ele apresentado pelo comissário da representação alemã como um artista “histórico”. Ele guarda, sim, alguns aspectos importantes da sua prática vanguardista: não só a colagem feita com o reaproveitamento de pedaços de papel comercial, de embalagem, mas também – como nos assinalam alguns especialistas – na maneira como o artista a compõe em linhas diagonais, bastante arranjadas e que implicam num raciocínio de composição abstrata. Por outro lado, há algo de muito

1 A ficha catalográfica estabelecida dentro do Fundo Kurt Schwitters em Hanover assim categoriza nossa colagem – como um “Desenho Merz”.

2 Cf. cat. exp. *Schwitters in Britain* (Emma Chambers & Karin Orchard, orgs.). Londres: Tate Modern, 2013, que aponta para se rever suas relações com o ambiente artístico britânico e sua intensa produção no período.

“inglês” nele. O título deriva do pedaço de papel em que se lê *Duke size*. As letras em vermelho parecem ter sido carimbadas num pedaço de papel cortado com as mãos, o que já nos faz questionar o estatuto desse elemento: ele é algo que o artista encontra ou “fabrica” como se fosse algo encontrado? Somos tentados ainda a indagar sobre a expressão em si – remetendo também a uma prática Dadá de elaboração de *nonsenses*. Ela pode ser uma espécie de aforismo irônico sobre os anos do fim da 2ª Guerra Mundial. Do mesmo período data outra colagem sua de título *Mr. Churchill is 71* – as letras também carimbadas num pedaço de papel, como em nosso *Duke Size*. Não podemos nos esquecer que Schwitters morou na Inglaterra nos anos de uma das maiores crises da monarquia daquele país, em que o jovem Rei Edward VII – depois Duque de Windsor³ – abdicou do trono para se casar com uma estrela de cinema de Hollywood, passando da discreta vida da realeza inglesa para as páginas de jornais e revistas sensacionalistas. O Duque e a Duquesa de Windsor ficaram famosos também pela visita que fizeram a Hitler em 1937, e foram considerados simpatizantes do regime nazista na Alemanha. Mas *Duke*, em inglês, também é um termo popular para “punhos”, usado nas expressões *to put one's dukes up* (fechar os punhos e armá-los para a briga) ou *duke it out* (isto é, “parta para a briga”). “O tamanho do duque”, “o tamanho do pulso”: Schwitters nos propõe uma charada.

Ana Magalhães

3 Título criado para ele e que terminou nele na hierarquia de títulos de nobreza da Inglaterra.